

# A ABOLIÇÃO DO TRÁFICO DE ESCRAVOS.

## *A resistência africana*

Por *Sylviane A. Diouf*<sup>1</sup>



Tradução: José Luiz Pereira da Costa, 2016

Os africanos começaram a combater o tráfico atlântico de escravos, tão pronto quando se iniciou. Suas lutas eram multifacetadas e abrangeram quatro continentes, durante quatro séculos. Apesar disto, foram comumente subestimados ou esquecidos. As lutas de resistência africanas foram registradas por fonte europeias, apenas quando diziam respeito a sublevação nos navios negreiros e aos armazéns de escravos – mas atos de resistência foram registrados longe da costa, escapando, assim, da vista dos escravagistas. Para os trazer à luz e provar sua existência, fez-se necessário o conhecimento da história oral, arqueologia, autobiografias e biografias de africanos vítimas do tráfico. Postas juntas, estas várias fontes oferece3m uma detalhada imagem das variadas formas de estratégia usadas pelos africanos para se defenderem e resistirem, atacando os traficantes. A resistência africana continuou nas Américas. Fugiram, estabeleceram comunidades marron [no Brasil quilombos], sabotaram, conspiraram e levantaram-se contra aqueles que os mantinham no cativeiro. Conseguindo a liberdade, peticionaram em juízo, lideraram movimentos e informação sobre direitos, agindo ativamente para a abolição definitiva da escravidão. Na Europa, abolicionistas negros lançaram ou participaram de movimentos cívicos visando o fim da deportação e escravização de africanos. Também, eram oradores, espalhavam informações, escreviam artigos em jornais ou publicavam livros. Usando de violência ou meios pacíficos, africanos na África, nas Américas e na Europa manti8veram-se constantemente envolvidos em movimentos contra a escravidão.

---

<sup>1</sup> Sylviane A. Diouf, PhD é uma premiada historiadora da diáspora africana e curadora. Ela é pesquisadora visitante no *Center for the Study of Slavery and Justice* na Brown University e Lloyd International Honors College, University of North Carolina Greensboro. Diouf é membro do Comitê Científico do projeto da Coalizão Internacional de Sítios de Consciência *Maison des Esclaves* na Ilha de Goree, Senegal. Ela faz parte do Conselho de Administração do Festival Internacional de Cinema da Diáspora Africana.

## ESTRATÉGIAS DE DEFESA

Quando os primeiros navegadores alcançaram a costa da Mauritânia em 1441 e do Senegal em 1444, organizaram um sistemático método de abdução, fazendo frente então da hostilidade e represálias. Embora eles hajam continuado a raptar, também com seguiram começar a comprar pessoas. Mas, mesmo esta política, encontrou oposição. O explorador Alvise Ca'Damosto, que foi atacado por cento e cinquenta homens, no Rio Gâmbia, em 1454, escreveu que, quando desejou falar com eles, [disseram haver tido] conhecimento de nossa chegada e de nossos negócios com os negros de Senega [Rio Senegal], que, assim, concluíram que se buscassem por nossa amizade isto significaria relação com homens maus, posto que firmemente acreditavam que nós, cristãos, comíamos carne humana, e que comprávamos negros apenas para comê-los; que, assim, da parte deles, não desejavam nossa amizade em nenhum termo, mas desejávamos abatê-los todos e fazer disto um presente de suas posses para o seu senhor. Porém, a luta armada não fora nem a única, tampouco sempre a melhor estratégia. Aproximação de longa duração se faziam também necessárias para proteger povos da escravidão. Trabalhos de terra eram edificados para frustrar incursões de pequena escala e sequestros; alguns rios foram desviados, de forma a não permitir a chegada de embarcações às proximidades dos vilarejos. Africanos cercaram suas cidades principais com espessos muros, alguns com quase quatro metros de altura; ergueram taludes e fortalezas e valetas com grande fundura, preenchidas com árvores e arbustos cheios de venenosos espinhos. Comunidades abandonaram seus vulneráveis assentamentos, reinstalando-se em locais difíceis de serem encontrados, mais fáceis de ser defendidos – colinas, montanhas, tuneis, pântanos, cavernas, florestas, ou atrás de altas dunas. Algumas aldeias reagrupavam-se para se defenderem mais vigorosamente. No sul de Benin, pessoas erigiram pequenas cidades sobre palafitas à beira ou no interior de lagos. Esta inovação deu-lhes uma visão bem clara da aproximação dos assaltantes, permitindo mais tempo para a tomada de medidas adequadas. Os africanos constituíram equipes de trabalho para sua proteção, deixando os caminhos de acesso às vilas cobertas pela presença de grupos estacionados nos pontos vulneráveis; cobriam seus telhados com folhas ruidosas a fim de detectar prováveis sequestradores. Usavam seu habitat como salvaguarda, através do redesenho da disposição, tamanho e arquitetura de sujas casas, vilas e cidades principais. Erigiam suas cidades em labirintos como forma de confundir e desorientar os atacantes. Casas de ligavam umas às outras; eles tornavam-se lindeiros às florestas e ao mar, a fim de tornar a fuga mais fácil. Algumas comunidades adotaram

táticas mais brutais: indiscriminadamente matavam qualquer um que adentrasse seu perímetro, como forma de desencorajar incursões. Alguns líderes agiram ativamente contra o tráfico transatlântico de escravos. Um dos mais famosos foi Abdel Kader Kane, o líder muçulmano da região dos Futa Tore, no norte do Senegal. Kane teve sucesso em repovoar seu reino ao retomar, pela força, sua gente que havia sido sequestrada, e por proibir a passagem por seu território de caravanas com escravos. Após os franceses haverem sequestrado três crianças Futa, Kane despachou uma carta para o governador: O estamos advertindo de que todos os que vierem às nossas terras para negociar [escravos]serão mortos e massacrados se você não devolver nossas crianças. Alguém que estivesse extremamente faminto não iria se abster de comer se a comida contivesse seu próprio sangue? Não queremos que você compre muçulmanos sob nenhuma circunstância. Eu repito que, se sua intenção é a de sempre comprar muçulmanos você deve ficar em casa e não aparecer em nossa terra nunca mais. Por que todos os que aqui vierem tenham a certeza de que perderão suas vidas. Em um nível pessoal, famílias que conseguiam localizar algum familiar na costa, reuniam recursos para conseguir a libertação daquele, mesmo que isto significasse a substituição do ente querido por outra pessoa. Alguns parentes foram capazes que traçar o caminho de um ente deportado até as Américas, e tentaram, algumas vezes com sucesso, comprar sua liberdade.

#### A LUTA ARMADAS NA ÁFRICA E NA PASSAGEM DO MEIO

À medida que o tráfico escravo se expandia, resistência também aumentaram, assim que a necessidade de grilhões, armas, cordas, correntes, bolas de ferro e chibatas nos dizem uma eloquente história da contínua e violenta luta que se encontrava desde o interior da África até o alto mar. Assim um traficante escreveu: Para segurança e custódia dos escravos a bordo, ou nas praias e nos armazéns africanos, correntes, grilhões de pernas, algemas e casas fortes são usados. Desejo assinalar que esta é uma das necessidades forçosas recorridas para a preservação da ordem e como recurso contra perigosas consequências deste tráfico. Sempre que possível, como em São Luis e Gorée (Senegal), James (Gâmbia) e Bance (Serra Leoa), os armazéns europeus eram implantados em ilhas, o que tornava a fuga e os ataques mais difíceis. Em algumas áreas, logo que os locais se aproximavam dos barcos, os membros da tripulação recebiam o comando de portar armas, apontando-as para as canoas, com os pavios acesos. Deveriam, sem qualquer hesitação, abrir fogo contra eles, sem piedade. A perda do navio e a vida dos tripulantes estava em jogo. Os fortes e barracões, ou armazéns, fortemente armados atestam a desconfiança e apreensão dos europeus. Tinham de se

proteger, como explicou Jean-Baptiste Durand, da Companhia do Senegal, “dos navios estrangeiros e dos negros que viviam no país”. Apesar de todas estas precauções, no século dezoito, o forte Saint-Joseph, no Rio Senegal, foi atacado e todo o tráfico ali interrompido por seis anos. Diversas conspirações e, em verdade, revoltas ocorreram na Ilha de Gorée, resultando na morte do governador e alguns soldados. Em acréscimo, tripulações de uns poucos navios negreiros foram mortos no Rio Gâmbia; em Serra Leoa, gente do povo saquearam os alojamentos de escravos do famigerado traficante John Ormond. Incidentes similares ocorreram em outras partes da costa africana. Registros documentam como africanos nas praias atacaram mais de uma centena de navios. Alguns escravistas ocidentais mantinham ocultos centros em seus barracões, cuidado por homens pago para “vigiar” estes cativos, as vezes com o uso de ervas medicinais. O objetivo era abortar qualquer tentativa de rebelião, “domar” os ali presos, fazendo-os aceitar seu destino. A existência destes centros mostrava o tamanho das precauções adotadas pelos escravistas para prevenir rebeliões em terra e durante a Passagem do Meio: grilhões e armas controlavam o corpo, enquanto procuravam quebrar o espírito. Todavia, revoltas em navios negreiros apesar de extremamente difíceis de organizar e levar adiante, foram numerosas. Cerca de 420 revoltas foram registradas em papéis da escravidão, e seguramente não representam a totalidade. Estimativas dão conta de cem mil africanos morreram em levantes na costa ou durante a Passagem do Meio. O medo das revoltas resultou em custos adicionais para os mercantes de escravos: tripulações mais numerosas, armas pesadas e barricadas. Cerca de dezoito por cento dos custos na Passagem do Meio se deviam às medidas para prevenir levantes, e os cativos que promoveram os levantes e foram salvos, de acordo com estimativas, representam um milhão de africanos que escapara do envio para fora do continente.

## LEVANTES E QUILOMBOLAS NAS AMÉRICAS.

Os africanos usavam várias estratégias como forma de manifestar sua hostilidade tanto a ao tráfico de escravos, que os trouxe para as Américas e à escravidão em si mesma. Alguns eram não violentas, como a fuga e a sabotagem; outros envolviam envenenamento, assassinato e levantes. As que inspiraram maior temor foram as revoltas armadas. Todos os países nas Américas tiveram uma presença africana e, em cada um, conspirações e levantes ocorreram. A primeira rebelião registrada foi liderada por homens do Senegal. Irrompeu em 25 de dezembro de 1522, no canavial do almirante dom Diego Colón, vice-rei das Índias e do filho de Cristóvão Colombo, situada a seis quilômetros de Santo Domingo, na ilha Espanhola. Embora

sufocada, instilou tremendo medo dentre os colonialistas e à coroa espanhola. Muito próximo a este levante, outros irromperam nas colônias espanholas durante o século dezesseis. De em torno a 1602 a 1694, os quilombolas da “República dos Palmares”, que agruparam cerca de 30 mil africanos, que promoveram vários ataques contra os colonialistas no Brasil. Guerras de quilombolas também ocorreram no Suriname entre 1789 e 1793; na Jamaica, em 1739 e 1795. Rebeldes africanos estiveram ativos em todos os países onde africanos estavam escravizados, particularmente em Santo Domingo, Cuba e Colômbia. Akans, da atual Gana, lideraram rebeliões na Jamaica em 1673, 1690 e 1745. Um deles, Tacky, foi o organizador de uma grande rebelião em 1760. Africanos, em sua maioria vindos do Congo, promoveram, na Carolina do Sul, Estados Unidos, o movimento que é chamado de Rebelião de Stono, 1739. Em 1741 os escravizados se organizaram em uma conspiração visando incendiar Nova York e assim conseguir sua liberdade. Dentre os que foram presos, quando o levante foi descoberto, se encontravam, pelo menos, doze homens e mulheres de origem Akan. Outras rebeliões de grande porte ocorreram nos anos 1760, no Suriname e em Honduras. Durante as revoluções na França e em Santo Domingo, e por elas inspiradas, desassossego e revoltas foram prevalentes nas colônias caribenhas da França. Em Guadalupe, centenas de colonialistas foram mortos ou fugiram para a França em 1794. Julien Fedon, um homem livre numa das ilhas francesas, liderou aquilo que pode melhor se descrito como uma guerra que durou dezesseis meses em Granada. Tendo se iniciado em 1795. Negros em Santa Lucia e em São Vicente se juntaram em armas com os franceses, que haviam proclamado a abolição da escravatura, contra os britânicos que haviam ocupado as ilhas. Em Barbados, o mais expressivo levante ocorreu em 1816, mais de cem anos após o primeiro deles, que se dera em 1692. Era um levante amplo nas ilhas, organizado pela elite dos escravizados – condutores e artesões. O líder era o africano de nome Busa. Muçulmanos africanos, na Bahia, Brasil, organizaram diversos complôs e revoltas. O último e maior ocorreu em 1835; compreendeu pessoas livres e escravizadas e com a derrota representou a expatriação e emigração para Benin [então Daomé], Nigéria e Togo. Em 1811 e 1812, Cuba, Porto Rico e Santo Domingo foram varridos por rebeliões. Em Porto Rico ocorreu o mais relevante em 29 de julho de 1821. Teve como líder Marcos Xiorro e envolveu a várias plantações. Acredita-se que tenha buscado auxílio no Haiti. A Guiana teve sua maior rebelião em 1823, que envolveu cerca de 1.200 escravos pertencentes a 55 plantações. Na sua maioria, já eram nascidos na colônia. A maior revolução na história da Jamaica ocorreu em 1831. Cerca de 500 pessoas se envolveram, liderados pelo diácono batista Samuel Sharpe.

A rebelião de Nat Turner, na Virginia, Estados Unidos, durou apenas dois dias, mas pôs em terror todo o país, quando 57 pessoas, homens, mulheres e crianças foram mortas. O Caribe somou uma média de quatro revoltas por ano, nos anos 1790. Aí, os mais marcantes levantes, ao lado da revolução em Santo Domingo, ocorreram em Guadalupe, em 1794; Curaçao, 1795 e 1800; Barbados, em 1816; Guiana Britânica, em 1823; Jamaica, em 1831. Um sem número de conspirações marcaram a história das Américas. Elas instilaram terror nos colonialistas, e eram brutalmente – e comumente de forma indiscriminada – esmagadas com enforcamentos, martírio pelo fogo, esquartejamento, desmembramento na roda e outros métodos de tortura. Apesar dos riscos enormes, escravos e, às vezes, gente livre lutavam pela liberdade, e suas ações tiveram significativo impacto no regime escravista, que se tornou mais brutal nas políticas coloniais. Todavia, nenhuma revolta foi tão significativa quanto a revolução em Santo Domingo.

#### A REVOLUÇÃO EM SANTO DOMINGO.

Em janeiro de 1804, um evento que teve enorme repercussão agitou o mundo dos escravos e de seus proprietários. Os revolucionários negros que se mantinham lutando desde 1791, derrotaram o exército napoleônico de 43 mil homens. Em dezembro de 1803, em completa derrota, oito mil soldados franceses deixaram a ilha (a maioria dos demais haviam morrido em combate ou de febre amarela), embarcando em seus navios. Num período de doze anos, os negros haitianos lutaram e derrotaram não apenas os colonialistas franceses, mas também exércitos franceses e espanhóis e ingleses. Para apagar os vestígios da ordem anterior, os vitoriosos trocaram o nome da ilha, de Santo Domingo, de volta a Haiti (terra montanhosa), nome original dado pelos índios Arawak. O Haiti tornou-se o segundo país independente no Hemisfério Ocidental e a primeira república de negros. O impacto desta vitória de homens e mulheres pobres e mal-armados – que lutaram para e ganharam de volta sua liberdade em 1793 – contra o mais bem equipado exército europeu, enviado para os reescravizar, produziu ondas de choque por todas as Américas. Paradoxalmente, ao mesmo tempo que isto influenciou aos povos escravizados se levantarem contra, a Revolução Haitiana também estimulou o tráfico transatlântico de escravos. A retirada dos mercados internacionais da ilha, que produziria a metade de todo o café e tanto açúcar quanto o Brasil, Cuba e Jamaica juntos, deu um ímpeto a estas colônias, mas também à Luisiana, para introduzir mais africanos – e para a Luisiana mais afro-americanos da parte superior do Sul americano – como forma de compensar a produção que decaía. Pelas Américas, os levantes de escravos estiveram mais proximamente associados com a grande

concentração de homens e mulheres nascidos na África e recém-chegados, e mesmo os eventos em Santo Domingo eram vistos como uma cautelosa história contra o tráfico escravos que continuamente introduzira esses Africanos “inclinados à rebeliões”. Assim, quando a Carolina do Sul permitiu novamente o tráfico escravo em 1803, a decisão foi considerada como apavorante. O fantasma do Haiti era usado por alguns americanos para apoiar a abolição da escravidão o mais breve possível, 1808.

### O IMPACTO DA REVOLUÇÃO.

Como as conspirações e revoltas chegaram ao seu auge nos anos 17790, sociedades escravistas começaram a teme a influência dos “Negros Franceses”, que pensavam acolhiam os ideais de liberdade trazidos pelas revoluções francesa e a de Santo Domingo. A cidade de Baltimore, nos Estados Unidos, em meio a outras, editou, em 1797, lei contra os negros dominicanos, estipulando: “Muitos dos escravos importados neste estado por cidadãos franceses ou aqueles mencionados nesta lei são culpados de conduta desregrada e são suspeitos de serem perigosos para a paz e o bem-estar da cidade”. Curiosamente, a maior revolta de escravos nos Estados Unidos – em termos de participantes – ocorreu em 1811, na Louisiana, liderada por Charles Deslondes, do Haiti. Franceses e franceses que falavam crioulo estiveram associados com insurreições nas colônias britânicas e holandesas, em 1820, e, em 1795, lideraram uma grande revolta em Curaçao. Em Cuba, José Antônio Aponte, um homem livre, organizou um levante em 1812, assegurando a seus seguidores que viria auxílio do Haiti. Empolgou suas tropas com imagens de Toussaint L’Overture, Jean Jacques Dessalines e Hernry Christophe. Nos Estados Unidos, abolicionistas negros, nacionalistas e ativistas se inspiravam na insurreição e na imagem de Toussaint L’Overture. Eles carinhosamente prestavam tributo à revolução, a um tempo em que os abolicionistas brancos o depreciavam, temerosos de que pudessem perder a simpatia de abolicionistas brancos. Durante a rebelião de 1816, em Barbados, foram feitas referências ao Haiti. Em 1820, Denmark Vesey, que havia sido feito escravo na ilha por uns poucos meses e adquiriu sua liberdade em Charleston, Carolina do Sul, recrutou certos participantes – inclusive haitianos escravizados à força e trazidos durante a revolução – para aquela que foi a conspiração melhor organizada nos Estados Unidos. Seu objetivo era libertar escravos com o apoio do Haiti e despachá-los para a África ou para a república negra. Mesmo que o Haiti não se encontrasse n uma posição de efetivamente poder auxiliar Cuba ou a Carolina do Sul, é verdade que a república negra procurou exportar os benefícios de sua revolução. A constituição do Haiti deu nacionalidade e

proteção a qualquer pessoa negra ou asiática. Como resultado, escravos que tiveram sucesso em escapar para a ilha tornaram-se livres e não podiam ser expatriados. Diversos casos relativos a escravos fugitivos, trazidos por escravistas, para o Rei Christophe, mais cedo, e para os presidentes Alexandre Pétion e Jean-Pierre Boyer, mas nenhum escravo refugiado na ilha foi jamais devolvido a seus antigos donos. A mais, o Haiti assegurou apoio financeiro e assistência militar, e, ainda, refúgio para Simón Bolívar, o libertador da América Espanhola, com a promessa desse de abolir a escravidão nos novos países sul-americanos. Em 1824 e novamente nos anos 1850, a ilha voltou a, ativamente, recrutar imigrantes afro-americanos. Frederick Douglass prestou significativo tributo à Revolução Haitiana quando expressou que os negros deviam muito a abolicionistas americanos e ingleses, “mas devemos incomparavelmente mais ao Haiti do que a todos os demais”.

### ABOLICIONISTAS NEGROS NA FRANÇA

Afro-americanos lutaram contra a escravatura e o tráfico de escravos usando de sabotagem, fuga, conspirações e revoltas, enquanto pessoas livres envolveram-se em atividades abolicionistas, organizando campanhas, pronunciando discursos e produzindo panfletos, como está demonstrado em *Abolition and Celebrations*. E como é explicado em *O Movimento Abolicionista nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha*, africanos abolicionistas como Olaudah Equiano e Ottobah Cugoano foram muito atuantes, na Grã-Bretanha. Menos conhecida é o papel dos negros no movimento que derrubou com a escravidão e o tráfico nas colônias francesas muito antes de outros territórios no Hemisfério Ocidental. Durante a Revolução Francesa de 1789, pessoas de cor de Santo Domingo, Guadalupe e Martinica, que viviam na França, organizaram na *Société des citoyens de couleur* (Sociedade dos Cidadãos de Cor), liderada pelo mulato Julien Raimond, um rico plantador e senhor de escravos, de Santo Domingo. Esta sociedade trabalhou muito próxima à *Société des amis des noirs* (Sociedade dos Amigos do Negros), que buscava direitos iguais para as pessoas livres de cor, a imediata abolição do tráfico escravo e gradual abolição da escravatura. Em 1791, a Sociedade dos Cidadãos trabalhou diligentemente para reunir ativistas que se encontravam dispersos em vários clubes e manter os revolucionários informados da situação política e social em Santo Domingo, onde o levante havia irrompido na noite de 22 para 23 de agosto. Apesar dos esforços dos abolicionistas, a França manteve a escravidão em sua Constituição de 1791. Em 10 de agosto de 1792, todavia, com mudança de regime, a própria constituição foi abandonada. Um mês mais tarde,

Raimond propôs à Assembleia a criação de uma legião voluntária, formada por homens negros residindo na França, cuja missão seria de ajudar e defender a revolução. A Légion franche de cavalerie des Americains et du Midi (A Legião livre de Americanos e do Sul), era liderada por Joseph Bologne de Saint-George. Nascido em Guadalupe, em 1739, era filho de uma senegalesa que fora escravizada e de um nobre francês. A família se estabeleceu na França em 1748, assim Saint-George recebeu uma excelente educação. Ele se tornou um hábil esgrimista, celebrado em toda a Europa, um violinista e famoso músico compositor e regente. The Chevalier [cavalheiro] Saint-George, como era conhecido, foi instrutor de música da rainha Maria Antonieta. Todavia, quando irrompeu a revolução, Saint-George abandonou a vida aristocrática de toda sua vida, tornando-se um revolucionário. Ele acreditava que a nova ordem iria trazer liberdade, igualdade e o fim do racismo. Como líder da Legião dos Americanos, que em seguida passou a ser chamada de a Legião de Saint-George, ele trouxe para seu lado Alexandre Thomas Davy de la Pailleterie, que havia se mudado com seu pai de Santo Domingo para a França, em 1780. O pai de Alexandre foi um marquês e sua mãe uma africana escravizada. Foi chamada de Louise-Cessette “du mas” ou “do galpão da fazenda”. Quando Alexandre, continuando a luta com seu pai, alistou-se no exército como subalterno, o marquês o proibiu de usar seu nome nobre. O jovem então assumiu o nome de Dumas, em honra à sua mãe. O homem que viria a ser tornar o famoso general Alexandre Dumas, por seu turno iria ser pai da legenda literária da França, Alexandre Dumas. Em 17 de maio de 1793, a Legião enviou uma “Moção à Convenção Nacional e a todos os clubes patrióticos e sociedades que representam os negros mantidos em escravidão nas colônias francesas das Américas”. Estava subscrito em nome de “um milhão de escravos” e demandava pela imediata abolição. As praças e oficiais que haviam subscrito o documento, junto com a Sociedade dos Cidadãos de Cor, lançaram uma campanha em conjunto visando o fim da escravidão e do tráfico humano. Uma delegação de homens e mulheres negros teve audiência na Convenção em Paris, no dia 4 de junho. Entre eles se encontrava Jeane OIdeo, nascida em Santo Domingo que afirmava ser a número 114. A delegação portava a nova bandeira: um negro sobre uma listra azul, um branco na listra branca, e um mulato na listra vermelha [da bandeira da França], com o dístico “Nossa união será nossa força”. A bandeira significava o fim da ordem colonial, bem como a liberdade geral e igualdade. Seguindo-se à campanha dos cidadãos negros, a nova constituição, promulgada em 24 de junho de 1793, especificava que ninguém poderia ser vendido. Embora não tivesse como

alvo a abolição do tráfico escravo, era considerado como um passo na direção certa.

## SANTO DOMINGO E A REVOLUÇÃO FRANCESA

Menos de três semanas depois, multidões de escravos e escravas desceram das montanhas e tomaram posse da cidade de Cabo de Santo Domingo. Sua vitória levou a evacuação de dez mil brancos, que fugiram da ilha. Em setembro, os comissários franceses, sob a pressão da população negra – e num esforço para neutralizar a Espanha, que daria a seus escravos liberdade, se lutassem contra os franceses – proclamaram o fim da escravidão. Foram eleitos representantes de “Iguais epidermes”: três negros, três mulatos e três brancos. Foram enviados para Paris a fim de levar as novidades e ver em que medida não seriam revogadas. Em 4 de fevereiro de 1794, três deles foram recebidos pela Convenção, em Paris: um branco ex-dono de escravos, Louis-Pierre Dufay; um negro, Jean-Baptiste Belley; um mulato, Jean-Baptiste Mills Belley, um senegalês, que havia sido deportado para ilha quando criança. Havia comprado sua liberdade e mais tarde lutou em Savannah, na Geórgia, ao lado dos americanos, durante a guerra da independência. Belley era um capitão de Infantaria e foi líder (ferido em combate), na batalha de Cap, sete meses antes. Logo após o discurso parlamentar pronunciado por Dufay – no qual ele louvou a população negra que havia salvado a revolução dos colonialistas que se aliaram à coroa britânica – a França aboliu a escravidão e o tráfico escravo (que havia subsidiado até 1793) em todas as colônias. A insurreição em Santo Domingo e, em menor grau, o ativismo de abolicionistas negros e seus aliados na França, puseram um ponto final na escravidão e no tráfico. Atualmente é reconhecido que sem a impulsão da revolta em Santo Domingo, a Revolução Francesa não teria decretado a abolição. A Revolução Haitiana radicalizou a Revolução Francesa, na questão relativa à escravidão. Mas a história se alongou. Em 20 de maio de 1802, Napoleão Bonaparte reestabeleceu a escravidão e o tráfico. Ele excluiu do exército oficiais negros, dentre eles o general Toussaint L’Overture e o general Alexandre Dumas. Em julho, o território francês se tornou vedado aos “negros e pessoas de cor e, em janeiro de 1803, casamentos mistos se tornaram ilegais. A luta violenta que se seguiu à reintrodução da escravidão em Guadalupe e Guiana Francesa resultou em milhares de mortes. Centenas de pessoas de Guadalupe e Santo Domingo foram exiladas para a França e aprisionadas ou alistadas à força no exército. Dentre estes prisioneiros se encontravam Toussaint L’Overture, Jean-Baptiste Belley e Jean-Baptiste Mills. Toussaint morreu em 1803 e Belley em 1805. A França tornou ilegal a escravidão em 1817, mas continuou de forma ilegal pelo menos até 1831.

Foi finalmente abolida em 1848. Sylviane A. Diouf Schomburg Center for Research in Black Culture Harlem, New York City, USA.

BIBLIOGRAFIA Apthecker, Herbert, *American Negro Slave Revolts*, New York: International Publishers, 1983; Diouf, Sylviane A., ed. *Fighting the Slave Trade: West African Strategies*. Athens: Ohio University Press, 2003. Dubois, Laurent and John. D. Garrigus, ed. *Slave revolution in the Caribbean, 1789-1804 A Brief History with Documents*. Boston: Palgrave, 2006. Gaspar, David Barry, and David P. Geggus, eds. *A Turbulent Time: The French Revolution and the Greater Caribbean*. Bloomington: Indiana University Press, 1997. Geggus, David P., ed. *The Impact of the Haitian Revolution in the Atlantic World*. Columbia: University of South Carolina Press, 2001. James, C. L. R. *The Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution*. London: Penguin, 2001. Price, Richard, ed. *Maroon Societies: Rebel Slave Communities in the Americas*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996. Taylor, Eric Robert. *If We Must Die: Shipboard Insurrections in the Era of the Atlantic Slave Trade*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 2006. Thompson, Alvin O. *Flight to Freedom: African Runaways and Maroons in the Americas*. Kingston: University of the West Indies Press, 2006.